

ACONSELHAMENTO PASTORAL E A COMPLEXIDADE PSICOLÓGICA

Ana Paula Nunes de Assis Oliveira¹
Mariana Nunes Assis Guimarães²
César Augusto Emerich³

RESUMO

A psicologia pastoral é o resultado da contribuição da psicologia, em suas múltiplas subdisciplinas, para as diversas tarefas da pastoral em sentido amplo. Outras contribuições apresentam-na como a contribuição da psicologia aplicada ao cuidado e aconselhamento pastoral, tanto teórica quanto praticamente. Em ambos os casos, conseqüentemente, a psicologia pastoral tende a ser vista como um ramo da psicologia e da psicoterapia em particular. A terceira forma de entender, praticar e pensar a psicologia pastoral é como uma subdisciplina da teologia pastoral ou subordinada a ela, que por sua vez é entendida como sinônimo ou como expressão da teologia pastoral. Por fim, a psicologia pastoral também pode ser vista como uma disciplina “híbrida”, ou seja, com dimensões teóricas e práticas que integram perspectivas e recursos da psicologia pastoral e da teologia pastoral de forma singular. Como tal, acaba por ser um ramo da teologia prática no sentido contemporâneo do termo.

Palavras-chave: Psicologia Pastoral. Aconselhamento. Psicoterapia.

ABSTRACT

Pastoral psychology is the result of the contribution of psychology, in its multiple subdisciplines, to the various tasks of pastoral care in a broad sense. Other contributions present it as the contribution of psychology applied to pastoral care and counseling, both theoretically and practically. In both cases, therefore, pastoral psychology tends to be seen as a branch of psychology and psychotherapy in

¹ E-mail: anapaula.nao77@gmail.com, Acadêmica de Psicologia no Centro Universitário Atenas;

² E-mail: mariananag@gmail.com, Médica formada no Centro Universitário Atenas;

³ Formado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas-SP; Licenciado em Letras na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, Campus Telêmaco Borba; continuei cursando Letras na Universidade Federal de Uberlândia -MG (incompleto); Bacharel em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia – MG (Bacharelado, Licenciatura e formação de Psicólogo); Pós-graduado em Docência Superior na Unigranrio; Mestre em Educação na UnB.

particular. The third way of understanding, practicing and thinking about pastoral psychology is as a subdiscipline of pastoral theology or subordinate to it, which in turn is understood as synonymous with or as an expression of pastoral theology. Finally, pastoral psychology can also be seen as a “hybrid” discipline, that is, with theoretical and practical dimensions that uniquely integrate perspectives and resources from pastoral psychology and pastoral theology. As such, it turns out to be a branch of practical theology in the contemporary sense of the term.

Keywords: Pastoral Psychology. Counseling. Psychotherapy.

1 – INTRODUÇÃO

Tem havido uma longa discussão dentro do estudo acadêmico da teologia (BROWNING, 1991; OSMER, 2008) sobre o que é a teologia prática e onde o cuidado pastoral e o aconselhamento podem se encaixar nesse discurso. Browning (1991), por exemplo, sugere quatro questões que orientam a teologia prática: como entendemos a situação concreta em que devemos agir? Qual deve ser a nossa práxis nesta situação concreta? Como defendemos criticamente as normas de nossa práxis na situação concreta em que praticamos a teologia? Que meios, estratégias e retórica devemos usar nesta situação concreta? Este debate teológico não será ensaiado aqui. O aconselhamento pastoral tem valor e um lugar dentro da teologia prática. A teologia prática apoia a interpretação das necessidades humanas e a práxis do cuidado pastoral.

Essa compreensão e interpretação das necessidades humanas aponta para uma análise teológica e hermenêutica de um problema prático-pastoral. Neste contexto, queremos dizer que os problemas pastorais não podem ser dissociados do seu impulso aos cuidadores para encontrar soluções na práxis dos mesmos. Além disso, essa compreensão e interpretação também devem fornecer ao cuidador os meios motivacionais para oferecer esse cuidado pastoral a partir de suas convicções teológicas. Dizer que se deve cuidar de pessoas necessitadas de maneira pastoral e ainda assim não lidar com a questão de por que alguém deveria cuidar seria um tanto presunçoso. A teologia prática deve, portanto, suscitar e sustentar a seguinte pergunta: qual é a motivação para essa convicção de cuidar?

Este ensaio não aborda as muitas maneiras diferentes de entender a cura em diferentes contextos culturais. Desde o nosso início como espécie humana, procuramos definir doença e saúde e atribuir-lhe um significado. Buscamos conselhos e ajuda para o que nos incomoda de uma variedade de curandeiros e fontes, dependendo de nossas necessidades físicas e emocionais e contexto cultural. Os curandeiros são chamados por muitos nomes diferentes, desde médicos e psicoterapeutas até sacerdotes e adivinhos. As práticas de cura variam para incluir nosso chamado à intervenção divina, além do envolvimento em outras práticas terapêuticas não tradicionais e tradicionais em nosso esforço para nos sentirmos melhor. Essas práticas, como sugere Hucks (2013):

funcionam como importantes recursos epistêmicos e geradores de como as populações africanas [*pessoas em todos os lugares ...*] implantam significado religioso, invocam contra-estratégias de resistência e buscam criar remédios de saúde restauradora e integridade como escudos protetores de aflições individuais e coletivas, doenças, ameaças, e aniquilação (p. 47).

Jesus pergunta: você me ama? (JO, 2008, 15:19). Desejo propor que, no contexto do mundo desenvolvido de conceituação da teologia prática, o amor seja a principal motivação para os conselheiros pastorais cuidarem e fornecerem aconselhamento aos necessitados. O amor, descrito a seguir como princípio orientador do cuidado pastoral, presta-se à orientação que o pós-fundacionalismo oferece à reflexão e à práxis teológica.

2 – MÉTODOS

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa consiste em revisão de bibliografia.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – O CUIDADO PASTORAL E O ACONSELHAMENTO

Descrições e definições do significado de cuidado pastoral e aconselhamento são abundantes (CLEBSCH; JAEKLE, 1964; COUTURE; HUNTER, 1995; DITTES, 1999; MOON; SHIM, 2010; PRUYSER, 1976; WIMBERLY, 1979,

1982; WISE, 1983). De acordo com a Associação Americana de Conselheiros Pastorais (2012):

As comunidades religiosas têm tradicionalmente procurado fornecer soluções baseadas na religião para aqueles em apuros. Seus líderes ouviram atentamente os problemas pessoais durante séculos e desenvolveram respostas de aconselhamento religioso para aqueles que sofrem de doenças mentais e emocionais e dificuldades relacionais. O aconselhamento religioso tradicional continua a ajudar muitas dessas pessoas. Reconheceu-se há muito tempo, no entanto, que em muitos casos a terapia profissional especializada era necessária para o tratamento e a cura eficazes... Comunidades, as ciências comportamentais e, nos últimos anos, a teoria sistêmica (np).

A integração de teorias psicológicas e métodos de aconselhamento com religião, teologia e conceitos de espiritualidade, como implícito na declaração acima da Associação Americana de Conselheiros Pastorais, deu origem à prática do aconselhamento pastoral como uma área distinta de prática dentro da vida dos ministros paroquiais, bem como dos clérigos e outros profissionais religiosos cujo contexto de prática inclua outras instituições como hospitais, clínicas de saúde mental e militares. O contexto de treinamento e prática dos conselheiros pastorais varia nos EUA. O crescimento do interesse pela religião e espiritualidade no campo da saúde mental (KAHLE; ROBBINS, 2004) e profissões de ajuda, como o serviço social (CANDA; FURMAN, 1999; HUGEN; SCALES, 2002; LEE; O'GORMAN, 2005).

Carroll A. Wise, há muito tempo em sua *Psicoterapia Pastoral* (1983):

dispensa o termo aconselhamento pastoral e usa o termo psicoterapia pastoral. Ao usar a palavra psicoterapia em vez de aconselhamento, estamos retornando às raízes de nossa tradição religiosa. A palavra grega 'psique' no Novo Testamento refere-se a . para a pessoa viva como uma realidade total ou unidade. Não pode ser entendido como um aspecto espiritual distinto do mental ou físico. É o homem como um todo, uma unidade orgânica. A psicoterapia pastoral é aquela psicoterapia feita por uma pessoa que tem uma identidade profissional e um compromisso dentro de um grupo de fé religiosa. Isso significa que, além de todos os problemas de valores humanos que preocupam outros tipos de terapeutas, o pastor reconhece abertamente o lugar das realidades e valores últimos em todos os aspectos da vida humana. e é, portanto, qualificado para ajudar as pessoas a lidar com seus falsos finais, ou em termos religiosos, suas idolatrias (p. 9).

No início de seu texto, Wise (1983) afirma o que a comunidade de saúde mental na América do Norte, ainda hoje, descreveria como significado de psicoterapia:

Por psicoterapia entendemos um processo, engajado por duas ou mais pessoas, no qual uma é aceita como curadora ou auxiliar, que visa ajudar a outra a mudar sentimentos, atitudes e comportamentos, ou, em outras palavras, tornar-se de alguma forma uma pessoa diferente. A psicoterapia lida com processos intrapsíquicos, com relacionamentos interpessoais e com a resposta da pessoa ao seu ambiente total, incluindo seu meio cultural (p. 3).

O que é pastoral na compreensão de Wise sobre psicoterapia é a maneira como o conselheiro religioso entende e explora com seu aconselhado os valores e crenças 'últimos' ou religiosos que influenciam a maneira como o aconselhado vê o mundo e como essa perspectiva contribui para seu senso de si mesmo, doença, saúde e maneira de se relacionar com outras pessoas. O robusto interesse do conselheiro pastoral e de outros profissionais assistenciais na orientação espiritual e/ou religiosa de sua assistência ao próximo sugere a importância de se pensar o conceito de amor, mais do que a teologia em si, como um dos princípios éticos norteadores da prática de psicoterapia pastoral ou pastoral e aconselhamento.

Quais são algumas das maneiras pelas quais podemos considerar o significado de um conselheiro pastoral amar aqueles a quem ele aconselha? Também é importante não privilegiar os sistemas psicológicos de pensamento e métodos de intervenção sobre algumas das formas tradicionais e indígenas que as pessoas entenderam e lidaram com seus problemas e deram sentido a suas experiências.

O amor é um fator comum na variedade de maneiras pelas quais as pessoas entenderam e vivenciaram a religião e a espiritualidade e pelas quais foram motivadas a ministrar umas às outras. O amor é uma ideia importante para os conselheiros pastorais considerarem e refletirem em seu trabalho.

3.1.1 – Fatores que influenciam o bem-estar e a busca de ajuda entre os pastores

Os pastores têm uma variedade de expectativas ocupacionais e de papéis, muitas das quais não são concretamente claras. A complexidade de pessoa servindo em múltiplas funções pode produzir ambiguidade de papéis, relacionamentos duais, limites pobres e diferenciais de poder não reconhecidos (CHANG *et al.*, 2021; MILES; PROESCHOLD-BELL, 2013; POOLER, 2011). Além disso, a vocação do pastor vem com estressores ocupacionais únicos, e muitos notaram altos níveis de estresse entre

o clero (MCMINN *et al.*, 2005). Um estudo dos ministros das Assembleias de Deus em Minnesota mostrou que 65% estavam experimentando esgotamento ou beirando o esgotamento (VISKER *et al.*, 2017).

A pesquisa sobre as taxas de doença mental entre o clero é extremamente limitada. As estimativas de depressão entre ministros variam de 11% a estimativas muito mais altas de 41%, enquanto estudos mostraram que cerca de 13 a 21% dos pastores experimentaram níveis elevados de ansiedade (PROESCHOLD-BELL *et al.*, 2011, 2013). Utilizando o Questionário de Saúde do Paciente-9 (PHQ-9) e a Escala de Ansiedade e Depressão Hospitalar-Ansiedade (HADS-A) para uma amostra de 1726 ministros Metodistas Unidos, Proeschold-Bell *et al.* (2013), encontraram 11,1% preencheram os critérios de triagem para depressão maior e 13,5% apresentaram níveis de ansiedade acima dos limiares normais. Essas taxas foram mais altas para o clero que estava no ministério há mais tempo (acima da média de 17 anos). Knox *et al.* (2002) encontraram taxas ainda mais altas (20%) de clérigos católicos que atendem ou excedem os pontos de corte de depressão na escala de depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

O bem-estar espiritual desempenha um papel fundamental no bem-estar geral do clero e no funcionamento vocacional (ELLISON *et al.*, 2010). Fatores como apego a Deus, usar a oração ou o estudo da Bíblia para lidar pessoalmente com o estresse e manter um forte senso de chamado para o ministério são todos componentes do bem-estar espiritual do clero (BICKERTON *et al.*, 2015). O bem-estar espiritual também se relaciona com as estratégias de enfrentamento para os ministros. VISKER *et al.* (2017) descobriram que o mecanismo de enfrentamento mais frequente para os ministros foi o “coping religioso”, como a oração ou a busca de significado espiritual (p. 955). Outros estudos validam essa descoberta, enfatizando o papel das práticas espirituais pessoais na abordagem geral de enfrentamento dos pastores (MCMINN *et al.*, 2005).

3.1.2 – ATITUDES EM RELAÇÃO À BUSCA DE ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL

A revisão da literatura sugere que os pastores podem se beneficiar do aconselhamento profissional devido à confusão de papéis, estresse, depressão e

desafios ao bem-estar espiritual e ao enfrentamento. Meek *et al.* (2003) escreveu: “Por causa das grandes demandas que os pastores enfrentam, sem dúvida sempre haverá necessidade de aconselhamento” (p. 344).

Uma questão chave sem resposta é se os ministros querem ou não essa ajuda profissional. Estudos seminais de Good *et al.* (1989), Good e Wood (1995) e Levant *et al.* (2009, 2011, 2013) estabeleceram que existem diferenças claras na busca de ajuda ao longo das linhas de gênero, com as mulheres tendo atitudes mais favoráveis à procura de ajuda profissional do que homens. Good *et al.* (1989) explorou o impacto das normas masculinas tradicionais na busca de ajuda profissional, descobrindo que aqueles que têm visões mais tradicionais dos papéis masculinos são significativamente menos propensos a procurar ajuda profissional (p. 299). Esses fatores limitantes à procura de ajuda estão presentes para a população do clero que é principalmente masculina e mantém visões tradicionais sobre os papéis de gênero.

Como observado anteriormente, os pastores geralmente confiam no autocuidado pessoal e espiritual, seguidos pelo apoio familiar, e menos frequentemente procuram ajuda de apoios comunitários, como aconselhamento ou serviços de assistência social (Trihub *et al.*, 2010). McMinn *et al.* (2005) apontou: “Se o clero se baseia principalmente em formas intrapessoais de enfrentamento, então é razoável supor que eles são reticentes em procurar ajuda de conselheiros e psicoterapeutas” (p. 577). Trihub *et al.* (2010) descobriram que os pastores valorizam os períodos sabáticos e os grupos de oração/apoio significativamente mais do que o aconselhamento individual ou familiar (p. 106).

3.1.3 – A EXISTÊNCIA HUMANA E A METÁFORA DA ORIENTAÇÃO

Segundo Murdoch (1970), desenvolver uma compreensão da condição humana envolve necessariamente o uso da linguagem metafórica, em particular as metáforas do espaço, do movimento e da visão. Em várias disciplinas, a existência humana é descrita em termos da metáfora espacial da orientação. De uma perspectiva antropológica, Geertz (1973) afirma que vivenciar a vida como significativa requer a capacidade de “orientar-nos efetivamente dentro [da vida]” (p. 100). A psicóloga Janoff-Bulman (1992), em sua pesquisa sobre trauma, descobriu que eventos traumáticos destroem “visões básicas de nós mesmos e de nosso mundo

externo que representam nossa orientação para o 'empurrão e puxão total do cosmos'" (p. 4). Park (2010), em seu modelo psicológico de construção de significado, aponta para o caráter metafórico dos processos de construção de significado e os descreve como conectando eventos da vida a "sistemas gerais de orientação" (p. 258).

De uma perspectiva filosófica, Taylor (1989) elaborou a metáfora espacial da orientação na vida para dar uma explicação abrangente da existência humana. Aqui, o espaço metafórico em que ocorrem os processos de orientação na vida é o espaço das questões existenciais: questões de como viver nossa vida. Taylor se refere a esse espaço metafórico como 'espaço moral', "o espaço das questões sobre o bem" (TAYLOR, 1989, p. 41). É importante notar aqui que Taylor entende 'moral' e 'moralidade' de uma forma ampla e pouco convencional:

Na verdade, quero considerar uma gama de visões um pouco mais ampla do que o que normalmente é descrito como "moral". Além de nossas noções e reações sobre questões como justiça e respeito pela vida, bem-estar e dignidade de outras pessoas, quero também examinar nosso senso do que está por trás de nossa própria dignidade, ou questões sobre o que torna nossas vidas significativas. ou cumprindo. Estas podem ser classificadas como questões morais em alguma definição ampla. Eles preocupam... o que faz a vida valer a pena (TAYLOR, 1989, p. 4).

Assim, o espaço moral compreende não apenas questões relativas às nossas obrigações para com os outros, mas também questões de como viver uma vida plena e de como viver com dignidade. Taylor vê isso como questões existenciais inevitáveis que os seres humanos necessariamente enfrentam. O ser humano não pode deixar de tentar encontrar sua orientação no espaço constituído por essas questões. Processos de orientação no espaço moral são processos existenciais que podem ser entendidos como processos de busca de sentido na vida (SCHUHMANN; VAN DER GEUGTEN, 2017).

Geralmente, para encontrar nossa orientação, precisamos de estruturas de orientação pelas quais possamos julgar onde estamos e em que direção devemos ir. No espaço moral, essas estruturas são compostas do que Taylor (1989) chama de 'visões do bem' – visões de uma vida que vale a pena ser vivida – que representam respostas convincentes para questões de como viver. Essas visões do bem formam "o horizonte dentro do qual sabemos onde estamos" (TAYLOR, 1989, p. 29) e funcionam como pontos de orientação que indicam em que direção seguir. Taylor

ênfatiza que tais visões envolvem o que ele chama de 'avaliação forte'. Isso significa que eles não dependem de “nossos próprios desejos, inclinações ou escolhas, mas são independentes deles e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados” (TAYLOR, 1989, p. 4).

A metáfora da orientação ênfatiza o papel fundamental da corporalidade na existência humana. Segundo Merleau-Ponty (1991), nossa orientação no mundo depende da perspectiva determinada por nossa situação corporal. A maneira como as coisas nos aparecem e obtêm significado pré-reflexivo depende de nossa orientação corporal. Isso sugere que os processos de orientação no espaço moral têm uma dimensão corporal e que o cuidado pastoral, entendido em termos de engajamento com os processos de orientação, envolve a abordagem das pessoas como seres corpóreos e espirituais.

4 – CONCLUSÃO

Muito do nosso entendimento das experiências dos outros seria severamente limitado se essas outras “formas de conhecimento” (ou seja, aconselhamento pastoral e pastoral pós-fundacionalista e teologia do cuidado, teologia negra e teologia da libertação negra, teologia feminista) não fizessem parte do nosso kit de ferramentas para aprender mais sobre outras pessoas e sobre nós mesmos. Nosso discernimento da natureza de Deus e o testemunho da igreja em nosso tempo (contexto) e situação estão embutidos nesses métodos e orientações teóricas para nossa pesquisa e reflexão teológica sobre os vários significados de fé e práticas de ministério.

É muito importante que o conselheiro pastoral permita e crie o espaço para aqueles a quem eles procuram ajudar (o co-pesquisador) para ensiná-los sobre o significado do que estão vivenciando. Isso requer que os conselheiros pastorais aumentem sua consciência e sejam intencionais em nossa prática de amar os outros e a si mesmos. Os conselheiros pastorais contribuem, amando à sua maneira, não só para a possibilidade de ajudar outro ser humano a amar a si mesmo e a florescer, mas também a fazer a vontade de Deus para a humanidade. A vontade de Deus é que nos amemos uns aos outros. É inspirador considerar que os conselheiros pastorais, aqueles a quem eles aconselham e o campo da teologia prática usando a estrutura

discutida aqui como pós-fundacionalismo podem promover nosso amor a Deus, a nós mesmos e uns aos outros.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE CONSELHEIROS PASTORAIS. **Breve história sobre aconselhamento pastoral**, 2012. Disponível em www.aapc.org/about-us/brief-history-on-pastoral-counseling. Acessado em 12 mar. 2022.

BICKERTON, G. R.; MINER, M. H.; DOWSON, M.; GRIFFIN, B. Recursos espirituais como antecedentes do bem-estar do clero: A importância de variáveis ocupacionais específicas. **Jornal de Comportamento Profissional**, v. 87, p. 123-133, 2015. DOI: 10.1016/j.jvb.2015.01.002.

BROWNING, D. **Uma teologia prática fundamental**. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

CANDA, E. R.; FURMAN, L. D. **Diversidade espiritual na prática do serviço social: O coração de ajudar**. Nova York: The Free Press, 1999.

CHANG, Mei-Chung; CHEN, Po-Fei; LEE, Ting-Hsuan *et al.* The Effect of Religion on Psychological Resilience in Healthcare Workers During the Coronavirus Disease 2019 Pandemic. **Frontiers in Psychology**, v. 12, n. 628894, 2021. DOI: 10.3389/fpsyg.2021.628894.

CLEBSCH, W. A.; JAEKLE, C. R. **Pastoral em perspectiva histórica**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1964.

COUTURE, P. D.; HUNTER, R. (eds.). **Cuidado pastoral e conflito social: Ensaios em homenagem a Charles V. Gerkin**. Nashville: Abingdon Press, 1995.

DITTES, J. E. **Aconselhamento Pastoral: O básico**. Louisville: Westminster John Knox, 1999.

DOEHRING, C. **A prática do cuidado pastoral: uma abordagem pós-moderna**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2015.

ELLISON, C. G.; ROALSON, L. A.; GUILLORY, J. M.; FLANNELLY, K. J.; MARCUM J. P. Recursos religiosos, lutas espirituais e saúde mental em uma amostra nacional de clérigos da PCUSA. **Psicologia Pastoral**, v. 59, n. 3, p. 287-304, 2010. DOI: 10.1007/s11089-009-0239-1.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Nova York: Livros Básicos, 1973.

GOOD, G.E.; WOOD, P. K. Conflito de papéis de gênero masculino, depressão e busca de ajuda: os universitários enfrentam risco duplo? **Jornal de**

Aconselhamento & Desenvolvimento, v. 74, n. 1, p. 70-75, 1995. DOI: 10.1002/j.1556-6676.1995.tb01825.x.

GOOD, G. E.; DELL, D. M.; MINTZ, L. B. Papel masculino e conflito de papéis de gênero: Relações para buscar ajuda nos homens. **Revista de Psicologia de Aconselhamento**, v. 36, n. 3, p. 295-300, 1989. DOI: 10.1037/0022-0167.36.3.295.

HUCKS, T. E. Habitações do sagrado. **Harvard Divinity Bulletin**, v. 41, v. 3-4, p. 43-47, 2013.

HUGEN, B.; SCALES, T. L. (eds.). Cristianismo e serviço social: **Leituras sobre a integração da fé cristã e prática do serviço social**. 2. ed. Associação Norte-Americana de Cristãos em Serviço Social, Botsford, 2002.

KAHLE, P. A.; ROBBINS, J. N. **O poder da espiritualidade na terapia**: Integrando crenças espirituais e religiosas na prática de saúde mental. Nova York: Haworth, 2004.

KNOX, S.; VIRGINIA, S.G.; LOMBARDO, J. P. Depressão e ansiedade no clero secular católico romano. **Psicologia Pastoral**, v. 50, n. 5, p. 345-358, 2002. DOI: 10.1023/A:1014461603872.

JANOFF-BULMAN, R. **Suposições quebradas**: Rumo a uma nova psicologia do trauma. Nova York: Imprensa Livre, 1992.

JO. *In*: BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

LEE, D. L.; O'GORMAN, R. (eds.). **Serviço social e divindade**. Nova York: Haworth, 2005.

LEVANT, R. F.; STEFANOV, D. G.; RANKIN, T.J.; HALTER, M. J.; MELLINGER, C.; WILLIAMS, C. M. Análise do caminho moderado das relações entre a masculinidade e as atitudes dos homens em relação à procura de ajuda psicológica. **Revista de Psicologia de Aconselhamento**, v. 60, n. 3, p. 392-406, 2013, DOI: 10.1037/a0033014.

LEVANT, R. F.; WIMER, D.J.; WILLIAMS, C.M. Uma avaliação do inventário de comportamento de saúde-20 (HBI-20) e suas relações com a masculinidade e atitudes em relação à busca de ajuda psicológica entre homens universitários. **Psicologia dos Homens e Masculinidade**, v. 12, n. 1, p. 26-41, 2011. DOI: 10.1037/a0021014.

LEVANT, R. F.; WIMER, D. J.; WILLIAMS, C. M.; SMALLEY, K. B.; NORONHA, D. As relações entre variáveis de masculinidade, comportamentos de risco à saúde e atitudes em busca de ajuda psicológica. **Revista Internacional de Saúde do Homem**, v. 8, n. 1, p. 3-21, 2009. DOI: 10.3149/jmh.0801.3.

MCMINN, M. R.; LISH, R. A.; TRICE, P. D.; ROOT, A. M.; GILBERT, N.; YAP, A. Cuidar de pastores: Aprendendo com o clero e seus cônjuges. **Psicologia Pastoral**, v. 53, n.6, p. 563-581, 2005. DOI: 10.1007/s11089-005-4821-y.

MEEK, K. R.; MCMINN, M. R.; BROWER, C. M.; BURNETT, T. D.; MCRAVY, B. W.; RAMEY, M. L.; SWANSON, D. W.; VILLA, D. D. Mantendo a resiliência pessoal: Lições aprendidas com o clero protestante evangélico. **Revista de Psicologia e Teologia**, v. 31, n. 4, p. 339-347, 2003. DOI: 10.1177/009164710303100404.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. Trad. de M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Texto original publicado em 1960).

MOON, S. S.; SHIN, W. S. Bridging Pastoral Counsel and Social Work Practice. **Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought**, v. 29, n. 2, p. 124-142, 2010.

MURDOCH, Iris. **The Sovereignty of Good**. London: Ark, 1970.

OSMER, R. R. **Teologia prática: Uma introdução**. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.

PARK, C. L. Dando sentido à literatura de significado: uma revisão integrativa da construção de significado e seus efeitos no ajuste a eventos estressantes da vida. **Psychological Bulletin**, v. 136, n. 2, p. 257-301. DOI: 10.1037/a0018301. 2010.

POOLER, D. K. Pastores e congregações em risco: insights da teoria da identidade de papéis. **Psicologia Pastoral**, v. 60, n. 5, p. 705-712, 2011, DOI: 10.1007/s11089-011-0356-5.

PROESCHOLD-BELL, R. J.; MILES, A.; TOTH, M.; ADAMS, C.; SMITH, B. W.; TOOLE, D. Usando a teoria do desequilíbrio esforço-recompensa para entender as altas taxas de depressão e ansiedade entre o clero. **O Jornal de Prevenção Primária**, v. 34, n. 6, p. 439-453, 2013. DOI: 10.1007/s10935-013-0321-4.

PRUYSER, P. W. **O ministro como diagnosticador: Problemas pessoais na perspectiva pastoral**. Filadélfia: Westminster, 1976.

SCHUHMANN, C.; VAN DER GEUGTEN, W. Visões críveis do bem: Uma exploração do papel dos conselheiros pastorais na promoção da resiliência. **Psicologia Pastoral**, v. 66, n. 4, p. 523-536, 2017. DOI: 10.1007/s11089-017-0759-z.

TAYLOR, C. **Fontes do eu: A construção da identidade moderna**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

TAYLOR, C. **Uma era secular**. Cambridge: The Belknap Press, 2007.

THORSTENSON, T. A. O surgimento da nova capelania: redefinindo o cuidado pastoral para a era pós-moderna. **Jornal de Pastoral e Aconselhamento**, v. 66, n. 2, p.1-6, 2012. DOI: 10.1177/154230501206600203.

TRIHUB, B.L.; MCMINN, M. R.; BUHROW, W. C.; J. R.; JOHNSON, T. F. Apoio denominacional para a saúde mental do clero. **Revista de Psicologia e Teologia**, v. 38, n. 2, p. 101-110, 2010. DOI: 10.1177/009164711003800203.

VISKER, J. D.; RIDER, T.; HUMPHERS-GINTHER, A. Mecanismos de esgotamento e estresse relacionados ao ministério entre os clérigos ordenados pelas Assembleias de Deus em Minnesota. **Revista de Religião e Saúde**, v. 56, n. 3, p. 951-961, 2017. DOI: 10.1007/s10943-016-0295-7.

WIMBERLY, E. P. **Pastoral na igreja negra**. Nashville: Abingdon Press, 1979.

WIMBERLY, E. P. **Aconselhamento Pastoral & Valores Espirituais: Um ponto de vista negro**. Nashville: Abingdon Press, 1982.

WISE, C. A. **Psicoterapia Pastoral**. Nova York: Jason Aronson, 1983.